

Manuel
Alegre Há muita
gente que gosta de mim
por eu ser um lírico

Na voz, no olhar, nas pausas com que fala há uma gravidade que é uma espécie de imagem de marca. Manuel Alegre é um homem de ar grave, com uma seriedade que parece avessa ao riso. Uma imagem que, em mais de duas horas de conversa, desaparecerá no momento em que se fala de temas que o divertem. O candidato presidencial que ainda não anunciou que o é mas que já se declarou disponível para o ser teme que o seu novo livro seja engolido pelas actividades políticas com que se prepara para tentar de novo chegar a Belém. Será escusado, no entanto, procurar nele qualquer tipo de material de campanha: contra ou a favor. *O Miúdo Que Pregava Pregos Numa Tábua* (Dom Quixote) é mais um fragmento das memórias que Alegre garante que não escreverá.

O que é que o fez visitar uma vez mais a infância?

O Saint-Exupéry dizia que a infância é um país. Nós estamos sempre a visitar esse país. Mas desta vez eu revisito-o de uma forma diferente. É uma relação encantatória entre a memória e a caneta, entre a caneta e o papel. É um acto de liberdade. No fundo, eu não sei como chamar a este livro.

A editora chamou-lhe «novela».

Pois, pode chamar-se «novela», pode chamar-se «romance». Eu não lhe pus nenhum nome. É um livro. É a história de um miúdo sentado num pátio a pregar pregos numa tábua. Essa é a memória mais antiga que eu tenho. Um miúdo que depois acabava a contar as sílabas pelos dedos, o que é uma metáfora, claro. É como se vai das memórias e dos factos e dos sons mais antigos e dos episódios mais marcantes, dos múltiplos ritmos e acontecimentos da vida para o ritmo próprio da escrita.

Essa memória do miúdo a pregar pregos numa tábua já é uma memória rítmica, com uma cadência própria?

No fundo, é. Aquilo tinha uma cadência, de facto. O avô, a guitarra, o carro de pedais – são muitos os episódios que depois se transpõem para um ritmo que tem a ver com os ritmos cósmicos, com a respiração da terra. Há a história do vulcão que eu vi na Nicarágua. Entrei lá para dentro cheio de pavor e depois reparei que aquilo respirava ao ritmo da minha própria respiração. No fundo, esse é o ritmo da escrita, é o ritmo da poesia. Isto também é, de certo modo, uma arte poética, feita de uma outra maneira. Não é uma arte poética livresca ou literária mas de como a partir dos sons da vida e das suas respirações se chega à escrita.

Tem-se acentuado a sua necessidade de voltar atrás na memória pessoal?

Eu acho que sempre se volta. Pois, quer dizer, houve o *Alma*, não é? Foi aí que isso foi mais evidente. Também *A Terceira Rosa*. Mas este livro é um livro diferente. Não o programei. O livro começou a escrever-se. Os episódios começaram a surgir. É uma viagem por dentro de mim mesmo. Por dentro da memória.

O miúdo que pregava pregos numa tábua é o mesmo miúdo que já tinha sido o narrador do romance *Alma*.

O miúdo é o mesmo mas *Alma* é mais ficção. Isto, neste livro, tem muito a ver com o processo poético. No fundo, é ir à raiz do processo de criação. Eu não sou muito literato, apesar de ler muito. Os fados que o meu pai e a minha mãe cantavam, as histórias que as criadas contavam, os romances cantados na rua pelos cegos, o Chico Marceneiro aplainando a madeira, o sapateiro – tudo isso, essas artes, esses ofícios, todo esse clima mágico, de uma maneira ou de outra está naquilo que escrevo.

Quis mostrar-se um pouco mais ou esconder-se um pouco mais?

Esse processo duplo, na escrita, existe sempre. «O poeta é um fingidor.» No fundo, é um jogo de esconde-esconde. É por isso

que uso a metáfora com os netos que se escondem e que depois dizem: «Ó avô, estou aqui.» Estão escondidos mas querem ser descobertos. Quem escreve também é um pouco assim.

O processo de escrita deste livro tem alguma coisa de auto-análise?

Não. Isto não é uma escrita muito racionalista.

Imaginei que podia funcionar para si como uma espécie de psicanálise literária.

Talvez. Mas se for é involuntário. Este é um tipo de escrita que me dá muito prazer. Tem aquela toada encantatória em que palavra puxa palavra, depois a palavra puxa a memória, a memória puxa pela palavra, o ritmo puxa pelo ritmo.

Não há nisso também um mergulho em zonas do subconsciente e em memórias que estavam soterradas?

Elas vêm por essa cadência, não por um acto de voluntarismo intelectual ou racional. É pela própria cadência da escrita.

Não se lhe poderia chamar «psicanálise literária»?

Não. Não é.

No sentido de ser uma forma de autodescoberta.

Pois. Mas aqui seria mais como ir à bruxa.

O seu texto começa com esta afirmação: «É difícil escrever um livro.»

Foi realmente a primeira frase do livro?

Foi. Muitas vezes os livros ou os poemas nascem de uma frase. Às vezes de frases absurdas, aparentemente sem sentido. As coisas surgem-me do tal ritmo, da toada, da prosódia, do que quer que seja. Estava a sentir isso e andava com vontade. É a tal fronteira entre o consciente e o subconsciente. De repente saiu-me essa frase: «É difícil escrever um livro.» Atrás disso veio o resto.

Este livro foi mais difícil de escrever do que os outros?

Não. Este foi fácil. Foi um acto de liberdade interior.

É então a negação da frase com que começa.

É. O que é difícil é programar. Isso é outro tipo de escrita. Não sou um escritor que está das tantas às tantas. Não sou. Ou há o tal impulso, a tal cadência, esse processo encantatório, um pouco mágico ou então a escrita é falhada. Posso fazê-lo noutras coisas, não naquilo que é poema ou que está muito perto do poema.

Nunca foi um escritor metódico?

Não.

Nem quando se propôs escrever pela primeira vez um romance?

No primeiro [*Jornada de África*] fui. No primeiro mais do que nos outros. Aliás, provavelmente hoje escrevê-lo-ia de outra maneira. Embora tenha partes de que gosto muito, outras tê-las-ia escrito de outra maneira. Foi o livro mais metódico de quantos escrevi. Foi a minha primeira experiência romanesca. Também era uma vivência muito profunda, exigia alguma distanciação, algum exercício de organização. Tratava o problema da guerra, da minha vivência da guerra, mas introduzi-lhe o tema de Alcácer Quibir e de D. Sebastião. Tinha que cerzir aquilo muito bem.

Portanto, aí houve um esforço mais voluntário, de uma maior organização. Fui, inclusive, a recortes de jornais para retomar episódios antigos. Foi talvez o meu livro onde houve maior organização. Embora no que ele tem de melhor voltou outra vez esse processo encantatório.

Acredita mais nesse processo encantatório do que no trabalho literário metódico?

É o meu, não é? E é o que está nas melhores coisas que escrevi. Já está na *Praça da Canção*, embora ainda numa idade e num tempo diferentes.

***Praça da Canção* foi publicado há 45 anos: quase meio século depois, escrever um livro tornou-se-lhe mais fácil ou mais difícil?**

Quando escrevo tornou-se mais fácil. Escrevo menos mas quando escrevo não é só o primeiro verso que aparece feito. É o palavra puxa palavra. *O Quadrado*, por exemplo: foi um livro que me surgiu de uma maneira estranha. Verdadeiramente estranha. Acordava de manhã com uma frase que se me impunha obsessivamente. Por exemplo, há um conto que se chama «Singapura»: «A minha vida está perdida em Singapura.» Mas por que carga de água é que a minha vida estava perdida em Singapura, onde nunca fui? E houve outras frases que deram origem a todos aqueles contos. Frases que aparentemente não tinham sentido. Já houve fases da minha vida em que articulava o que se pode chamar «inspiração» ou «impulso» de escrever com uma atitude mais racional, mais voluntarista. Hoje não. Talvez por ter outra maturidade ou talvez porque a técnica da escrita se tenha transformado numa segunda natureza, como dizia o Pound.

Tem mais oficina?

Tenho mais oficina mas é uma oficina de que não se tem consciência, que já está interiorizada. É como o jogador de futebol que já faz aquilo sem pensar no que está a fazer. Ou como o marceneiro ou o oleiro ou o violinista. Ultimamente, quando vem esse impulso, essa cadência – uma espécie de música – é-me mais fácil escrever. A escrita para mim nunca foi um sofrimento. Não sou masoquista. O acto de escrever é um prazer, é um estado de graça. A grande recompensa da escrita é isso mesmo. **Não está a fazer distinção entre a prosa e a poesia; escreve um género e outro da mesma maneira?**

Sim. Até diria que, hoje, num livro como este último, escrevo talvez com maior fluência a prosa do que a poesia. Antigamente escrevia muita poesia. Muita dela falhada, que rasgava e deitava fora. Agora, se me acontece um poema, normalmente não falho. Mas escrevo menos.

Aceitaria que se dissesse que há duas traves mestras nos seus livros: a *História de Portugal* e a sua história pessoal?

Pois. E há a história da poesia. Não só da poesia portuguesa. Desde o Homero. Mas sim, há a *História de Portugal*, evidentemente. A minha vida também esteve muito misturada com a *História de Portugal*. Aliás, há uma tese de doutoramento de um brasileiro, sobre a minha obra, que se chama «A Ortografia da História», que é aliás um pedaço de um verso meu. Mas a *História de Portugal*, nesse sentido mais literal, mais estrito, já marcou mais.

O seu último livro de poesia – *Sete Partidas* – é em torno da figura do infante D. Pedro.

Pois. É a *História de Portugal* e sou eu. Há o passado e o presente, conjugados. D. Pedro e eu próprio, conjugados. Quer dizer, salvo as devidas distâncias, não é?

Pode dizer-se que, com excepções, na sua prosa está mais concentrada a sua história pessoal, enquanto na poesia se concentra mais essa reflexão sobre a *História de Portugal*?

Não em todos os livros. Num livro essencial da minha poesia, que é a *Senhora das Tempestades*, não. Mesmo no *Livro do Português Errante* está muito daquilo a que chama «a minha história pessoal». Provavelmente, no próximo livro de poesia também estará mais isso. Pelo menos estão as grandes questões, as grandes interrogações, o problema do «to be or not to be». No fundo, tudo isto é uma grande pergunta sem resposta.

Eduardo Lourenço chamou-lhe «poeta-mitólogo». Revê-se nessa expressão?

Ele centra-se muito nos meus dois primeiros livros.

Mas o texto é de meados dos anos 90, portanto já com conhecimento de tudo o que veio depois, na sua obra.

Sim. Ele já tinha escrito que esses dois primeiros livros eram o fim e a superação do neo-realismo.

Mas revê-se nessa classificação de «poeta-mitólogo»?

Sim. Mas um poeta-mitólogo que vira os mitos do avesso e que destrói alguns mitos. Sem sair deles por completo.

Destrói ou reconstrói?

Pois, destrói e reconstrói. Como é o caso do sebastianismo, o caso de uma certa visão da História de Portugal. Sim. Isso não tem nada de pejorativo. Pelo contrário.

Não estava a supor que houvesse qualquer intenção pejorativa.

Ele também fala da epopeia do avesso. Ou da antiepopéia. Mas essa antiepopéia é uma epopeia do avesso. Foi a História que nos foi dada a viver: uma epopeia do avesso. Sem perder a toada epopeica. Hoje, vendo a Guerra Colonial – e eu estive recentemente em Nambuangongo – é realmente fantástico o que se passou naqueles 14 anos. Como é possível ter estado ali, naquelas condições? À espera de um helicóptero que trouxesse, como dizia o Assis Pacheco, «um pálido vazio aerograma». Não deixa de ser algo que tem o carácter de uma epopeia. Do fim de uma epopeia. **Como é que surge essa sua relação com os mitos portugueses, quer para os reconstruir, quer para os reconfigurar?**

Isso provavelmente tem a ver com a minha família. Com o meu pai, em particular, que é uma figura fundadora, em mim. Embora a minha mãe seja uma figura muito conhecida, tendo sido um bocado mãe de toda aquela geração. Hoje apercebo-me de que o meu pai, pessoa mais discreta, teve uma acção fundadora nessa minha relação com a História, quando me punha a ler o Alexandre Herculano e o Camões. Ou quando ele próprio me dava a sua visão da História, que não é necessariamente a minha. Era uma visão mais adquirida, digamos assim. Tem também a ver com uma tia-avó, irmã do meu avô paterno, que me lia o Garrett e o António Nobre e me falava do D. Sebastião, desde muito cedo. **Em muita gente da sua geração, no entanto, isso conduziu a uma rejeição dessa componente mítica da História portuguesa.**

Pois, mas por isso é que a *Praça da Canção* teve o impacto que teve. E *O Canto e as Armas*, também. Em primeiro lugar pela estrutura rítmica e pela própria poesia. A poesia panfletária sobrevive pouco. E por haver essa reconstrução e reconfiguração dos mitos. Não foi por acaso que o regime, na altura, foi buscar os mitos e se serviu deles para se autojustificar e até para se fundar. Eu, por um processo mais intuitivo do que outro, dei-lhes a volta. Até porque essas coisas estavam dentro de mim: pela via familiar, pela escola, pelas leituras.

Nos seus romances a marca autobiográfica é dominante. Será legítimo ver neles uma forma de construção de uma certa mitologia pessoal?

Não. Até pelo contrário. [*Longa hesitação.*] Quer dizer, não sei até que ponto é que a escrita... Muita gente me pede para eu escrever as minhas memórias. Mas a minha vida teve tantos episódios, tan-

tas coisas, que é muito difícil escrever as memórias. Até porque a memória é muito selectiva. Ficam uns fragmentos. Uma vez ouvi o Professor Adriano Moreira dizer que os livros de memórias são sempre livros de autojustificação. E o dele também o é. Pois, apesar disso, ele escreveu um, o que quer dizer que ter essa consciência não invalida que se escreva um livro de memórias.

Não. Mas é sempre uma autojustificação e muitas vezes uma forma de ocultação. Acho que pela literatura de ficção – que vai muito à vivência pessoal, toda, mesmo aquela que é imaginada, desde o Proust ao Kafka, cada um à sua maneira lá vai – se oculta menos. Eu, se escrevesse um livro de memórias, não teria contado certas coisas que conto.

Considera que se expõe mais num livro como este último do que se exporia num livro de memórias?

Sim. Sem dúvida. E mesmo no *Rafael*. Se escrevesse um livro de memórias, certas coisas que lá estão não estariam.

Neste seu livro há um episódio que eu ainda nunca tinha visto referido e que não sei se não será a primeira vez que conta: o do seu encontro com Daniel Cohn-Bendit, ainda antes do Maio de 68.

Esse nunca o tinha contado. É um episódio extraordinário porque parece mesmo ficção. Naquela altura ninguém sabia quem era o Cohn-Bendit. Ele próprio não sabia quem era. E eu também não. Ele estava com uma rapariga, num restaurante chinês, num fim de tarde parisiense, e há aquela provocação que ele me faz. Começa a olhar para mim, eu de gravata e ele: «*Jeu-ne cadre dynamique.*»

Portanto, ele já era um provocador, na altura.

Já era um provocador. Disse-me aquilo e eu respondi-lhe: «*Exilé politique.*» O gajo ficou... Depois, tivemos uma conversa mirabolante. Não a reproduzo toda porque também não me lembro muito bem, mas o essencial está ali. Isto tem a ver com aquelas coisas de que falava o Breton sobre o acaso. É um episódio desses. Não é um encontro com a Nadja mas é um encontro assim.

Se calhar teria preferido um encontro com a Nadja.

Teria preferido. Embora essa história da Nadja seja trágica. Há agora um livro de uma senhora que descobriu quem é a Nadja. Tenho aí o livro. A minha mulher já o leu mas eu ainda não. O Breton tem essa história durante uns meses. Ela era uma espécie de mendiga, com algum talento para o desenho e de algum modo ligada à prostituição. E acaba num hospício. É uma investigação muito curiosa. Bom, mas isto vinha a propósito do tal encontro. O Semprún também disse: «Para que é que eu vou inventar?»

Tem boa memória?

Tenho. A minha memória era conhecida, quando estudava Direito, por ser uma memória fotográfica. Depois de fazermos um exame, ia ter com os amigos, eles tinham uma sebenta e eu recitava aquilo. Depois esquecia. Tenho uma memória selectiva. Acho que toda a gente tem uma memória selectiva. Algumas coisas ficam numa espécie de buraco negro. Ainda agora, quando estive em Angola, encontrei alguns amigos antigos, dos tempos de Coimbra e de Argel, e eles lembravam-se de algumas coisas de que eu já não me lembrava bem.

Reconheceu Nambuangongo?

Quando dizem
que sou marialva,
acho isso um erro
profundo. É o ser
contra o casamento
dos homossexuais.
É uma forma
de miguelismo.



Reconheci. Logo do helicóptero. Depois, como aterrámos na parte de cima, eu disse: «Não, não, o quartel era ali para baixo.» Então, o administrador – uma figura extraordinária – levou-me a ver uma escola e quando chegámos lá estava o quartel.

Nunca mais lá tinha voltado?

Não. Nunca mais. E penso que muito pouca gente terá regressado lá. Inclusivamente, descobri ali as campas de vários soldados, de vários militares portugueses.

De camaradas seus, do período em que lá esteve?

Sim. Há um que morreu numa altura em que eu por lá passei pela primeira vez. Tenho até uma fotografia e mandei limpar a campa. Pus lá uma flor. Estão lá vários.

Continua a acreditar – para usar uma frase que gosta de citar com frequência – que «a poesia é o poder»?

Quem disse isso foi o [Óssip] Mandelstam. E disse-o em circunstâncias extraordinárias: a caminho de um campo de concentração. Disse à mulher: «A poesia é o poder.» E a mulher julgou que ele estava louco. Mas de facto é verdade: ele ficou, hoje é um dos maiores poetas russos, e as estátuas do Estaline caíram. Num certo sentido, a poesia é o poder. Desde o princípio.

Acreditando que a «poesia é o poder» é inevitável uma pequena provocação: porque tem perdido tanto tempo com outro tipo de poderes?

O Mandelstam também perdeu. É um poder diferente. É o poder da relação essencial com a vida e com o mundo. Com a própria morte. É a busca da palavra que actua e que fica, ainda que

Pronto, é. Mas eu não lhe ponho nome porque ele, normalmente, é uma pessoa muito reservada e muito ciosa da sua privacidade. Somos amigos e sempre o respeitei mas não podia ocultar esse episódio porque é para mim um episódio marcante.

Mantém contacto com ele?

Sim, sim. Contacto e amizade. E afinidade. Essa é uma daquelas imagens que eu tenho: estou a vê-lo, deitado, estávamos os dois no mesmo quarto, em minha casa, em Coimbra, e aquela caneta dele, zumba, zumba, zumba.

Escreve que ele estava «a terminar uns contos»: *Os Passos em Volta*?

Eram. Como também é ele aquele que lê com sotaque da ilha: «Só, incessante, um som de flauta chora.» Eu já tinha lido o Camilo Pessanha mas foi aquela toada lida por ele – porque ele lê bem, o Herberto – que me revelou que o Camilo Pessanha é um dos meus poetas. Nós fazíamos isso, líamos poemas em voz alta uns aos outros. Eu próprio. Na minha fase primeira, a poesia para mim estava muito ligada a ter de ler em voz alta.

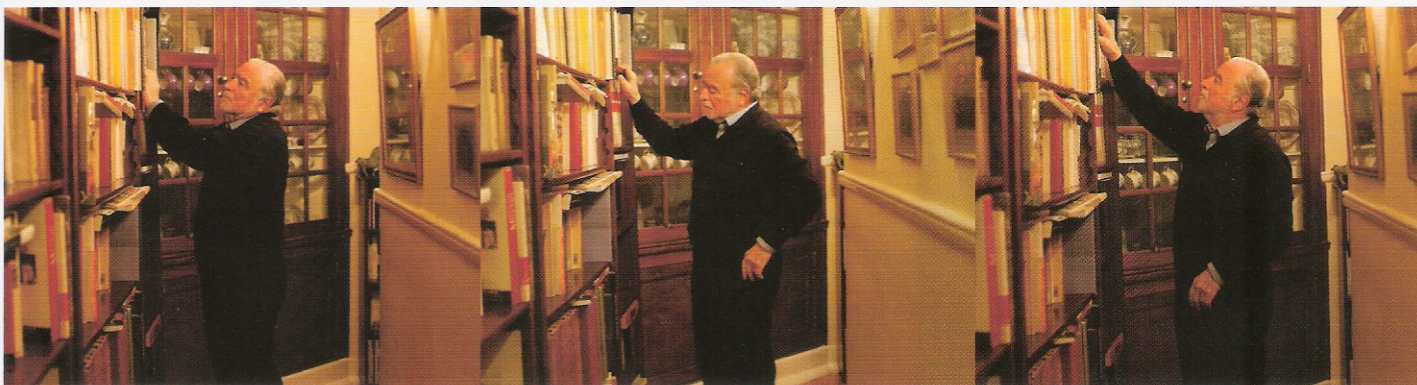
Teme que a leitura deste novo livro possa de alguma forma vir a ser contaminada pela sua eventual candidatura à Presidência da República?

Não gostava que isso acontecesse. Este é um livro importante.

Mas teme que isso possa acontecer?

Farei os possíveis para que não aconteça. Não tem nada a ver uma coisa com a outra. Eu não sei como este livro vai ser recebido mas é um livro importante para mim.

Porque é que é especial, depois de tantos livros que já publicou?



efémera. É uma certa relação com aquilo que é eterno, se alguma coisa é eterna. Com o nosso pedaço de eternidade. E também com a própria História. E também com a própria política. **A política não o afastou nunca da poesia?**

Não.

Não lhe retirou nunca algum espaço, algum tempo, alguma disponibilidade?

Sim. Mas ninguém vive numa torre de marfim. Há meia dúzia de poetas, alguns deles meus amigos, que viveram quase como monges da poesia. Se calhar não escreveria uma linha, se vivesse assim. Tenho de andar no mundo, tenho de andar metido nas coisas e na própria História. Houve aquela fase, antes do 25 de Abril, que o Pepetela chamou a «geração da utopia», em que a intervenção era uma fonte de inspiração. Todos estávamos convencidos de que estávamos a mudar a História. E estávamos. Depois veio a política do dia-a-dia que é, muitas vezes, cinzenta e contrária a tudo o que tem a ver com a poesia. Mas isso também acontece na profissão de médico, de advogado. São poucos os poetas que foram só poetas.

No livro, há uma referência a um poeta que está a escrever e a quem não é dado nome, ao contrário do que acontece noutros casos.

Não. Por respeito. É um poeta amigo.

Percebe-se que é o Herberto Helder.

Porque é um livro que tem que ver com o processo da criação. Revela coisas que nunca revelei sobre mim e o meu processo de escrita. Não é livresco. As coisas essenciais vêm dessa relação com a caça, com os campos. Também com a poesia mas na voz do tal poeta que tinha o sotaque das ilhas ou no ruído da caneta ou dos miúdos que tocam música nos dentes. Coisas até de carácter erótico. **A iniciação sexual com uma criada, que já tinha contado de uma forma ou de outra, por exemplo em *Alma*.**

Mas não assim. Acho que não desta maneira.

Diz isso por sentir que esta maneira está mais próxima dos factos?

Está mais próxima da importância que isso tem para contar as sílabas pelos dedos.

Alguma vez sentiu que o seu envolvimento político pode ter contaminado a forma como é lido em termos literários?

Ah, sim. Com certeza. Para o bem e para o mal.

Para o bem, também?

Quer dizer, quando eu estava no exílio admito que o *Praça da Canção* foi influenciado por haver uma certa lenda à minha volta. Esses primeiros livros foram muito difundidos, cantados.

E para o mal, em que sentido é que isso teve influência?

Para o mal, muitas vezes, pelo sucesso dos primeiros livros, pela difusão que eles tiveram. Isso faz cócegas, num país como o nos-

so. O Mário Cláudio uma vez disse-me: «Nunca lhe perdoarão o *Praça da Canção*.»

Essa é uma frase que o Manuel Alegre repete com frequência.

Mas é verdade. Houve leituras muito redutoras: o quererem fazer de mim um poeta neo-realista, um poeta de intervenção. O sucesso dos meus livros não é por isso. É por não serem isso. **Diria que o que tem prevalecido é a leitura redutora?**

Não. Isso desapareceu, já há uns anos a esta parte. Toda a gente que é importante na escrita sobre poesia, do Eduardo Lourenço ao Vítor Aguiar e Silva, passando pela Paula Morão, tem escrito sobre a minha obra. Mas houve uma altura em que foram vários os ajustes de contas. A minha relação com a política também era muito intensa, portanto tudo estava contaminado. Alguns livros meus foram vítimas disso. O *Atlântico*, por exemplo, foi prejudicado por duas coisas: pelo fim da Moraes – acho que é o último livro editado pela Moraes, ainda lá estava o Nelson [de Matos] – e também pelo meu envolvimento na política, porque se meteu um congresso do PS. No entanto, é um livro importante naquele primeiro ciclo da minha poesia. Não gostaria que isso acontecesse agora.

Mas sente que há esse perigo?

Há sempre esse perigo. Mas se ele for aquilo que eu penso que ele é, o livro resistirá. Nunca misturo, sabe. Muitas vezes vou a coisas políticas e pedem-me para dizer poemas e eu nunca digo.

Mas na campanha presidencial eu ouvi-o ler poemas.

O mundo literário às vezes irrita-me porque sei o que são os compadrios. Quando se entra na maledicência, é mesmo para magoar e para matar.

Onde?

Num tempo de antena, na rádio.

Eram poemas gravados.

Não vai usar a sua poesia na campanha eleitoral?

Não a usarei. Foi usada, normalmente. Quando chegava a um sítio, lá estavam os discos com poemas meus, apareciam poemas meus enrolados em coisas de artesanato, em latas. Mas acho que nunca disse um poema. Não me lembro. Uma vez em Beja queriam à força que eu dissesse um poema e eu não disse.

Mas rimando o seu poema com a sua vida, como escreveu, porque é que se recusa a levar a sua poesia para uma tribuna política?

Sou um poeta mas não vou dizer poesia no meio de um acontecimento político. Não são coisas que se devam misturar. Embora elas estejam misturadas na minha vida. É mais fácil que numa sessão sobre literatura eu acabe por falar de política. **Na *Arte de Marear* confessa que, em si, as relações entre o escritor e o político são más. Qual deles é que condiciona mais o outro?**

O poeta tem condicionado mais. Digo muitas vezes: não sou um político que faz poesia por razões políticas, sou um poeta que se meteu na política por razões poéticas.

Mas a percepção pública que há de si talvez já esteja mais ligada à política do que à poesia.

As duas coisas. Se for ao Facebook ver uma página que fizeram sobre mim vê que o que dizem é que querem um poeta na Presidência. Quando foi da outra candidatura, as pessoas distribuíam poemas meus. As pessoas misturam as duas coisas. Mas vêem em mim o poeta. Eu acho que sobrepõem o poeta ao político.

Sente que o facto de ser poeta será um trunfo na candidatura?

Para uns sim, para outros não. Da outra vez foi. Para muita gente é. Pelo menos é o que eu vejo quando muita gente me diz: «Um poeta na Presidência.» Pode parecer contra a corrente, fora de moda, contra esta ditadura de mercado em que tudo é mercado, mas sinto um bocado isso nas pessoas. É o que faz a diferença. Professores de Finanças, professores de Economia, tecnocratas há muitos. Poetas envolvidos na política há muito poucos.

Na História de Portugal é capaz de só ter havido o D. Dinis.

Sim, como Chefe de Estado. Mas a poesia também foi fundadora. Até o «Verde Pinho». E não há poema mais político do que *Os Lusíadas*. E o primeiro Partido Socialista português foi fundado por um grande poeta, o Antero de Quental. Os poetas sempre estiveram, de uma maneira ou de outra, envolvidos na política. Desde o D. Dinis ao Sá de Miranda ou ao Camões. Naquela altura havia o rei, portanto eles não concorriam a Chefe de Estado. Mas eu não gostava que este livro fosse contaminado. É uma das coisas que me preocupa. Eu tive sempre o meu espaço, a minha disponibilidade interior. Oscilo entre a intervenção e a distanciação: os períodos de solidão, de isolamento, etc. Aliás, eu sou uma pessoa de muito pouca vida social. O tipo de intervenção que eu tenho tido nunca me retirou esse espaço. Mas uma vitória numa eleição presidencial é algo de mais complicado. O exercício da Presidência é algo de muito absorvente. Embora se possa fazer de outras maneiras. Eu conheci o Mitterrand, que tinha as suas horas de leitura, de escrita. E o próprio Mário Soares.

Mas para quem diz, como é o seu caso, que não é metódico na escrita isso é capaz de ser mais difícil.

Pois. É que muitas vezes a escrita, em mim, vem da maneira mais inesperada e nos sítios menos adequados.

Aconteceu-lhe alguma vez na Assembleia?

Aconteceu, aconteceu. Várias vezes. E noutros sítios. Eu já tenho dito: «A poesia escreve-se até na boca de um canhão.» Para isso não há tempo, não há lugar. De repente aquilo vem.

Não teme que essa imagem de poeta seja também, para outras pessoas, contraproducente?

Eu não temo nada. Se for, paciência. A minha força está ligada também às minhas fraquezas. Sou como sou, não vou disfarçar. **Mas já ouviu com certeza aquela frase em que se diz com um intuito depreciativo: «Eh pá, és um lírico.»**

Sim, claro, mas ainda bem. Ainda bem porque há muita gente que gosta de mim por eu ser um lírico.

Já alguma vez lhe disseram isto pessoalmente?

Com certeza. Muitas vezes. Em várias reuniões políticas, quando eu era membro da direcção do Partido Socialista. Mas houve muitas vezes em que tive razão contra os outros, em que acertei em sondagens e disse o que se ia passar. E havia também quem me perguntasse: «Então, o que é que dizem as suas antenas?» A apelarem à minha capacidade de adivinho. De poeta-adivinho.

De xamã?

Sim, de xamã. Nunca perdi nenhuma aposta de eleições.

Mais recentemente, também acerta nesse tipo de previsões?

Tenho acertado.

Já tem palpites para a próxima eleição?

Não. Desde que eu não esteja envolvido. Mas na última eleição presidencial, quando decidi candidatar-me, mesmo em relação a alguns amigos meus preocupados com o resultado, eu disse-lhes sempre: «Não, pelo menos em segundo fico.»

Acreditava que iria à segunda volta ou percebeu cedo que a eleição se resolveria, como de facto se resolveu, na primeira?

Acreditava. E estive muito perto. Faltaram 29 mil votos.

Acredita na tal força mágica da palavra também na política?

Tem uma importância fundamental. Tive experiências muito concretas disso. Em vários episódios, alguns dos quais que até mudaram um pouco as coisas: como no primeiro congresso do PS, que estava ganho pelo Manuel Serra antes da minha intervenção. Acredito. A força mágica da palavra tem importância na política, na História. Com certeza que sim. Veja o Obama e a resposta que ele deu à Hilary quando ela lhe disse que aquilo era retórica: «Atenção, Hilary, as palavras inspiram.» E as palavras inspiram num duplo sentido: inspiram quem as ouve e inspiram quem as diz.

Acha que isso é um aspecto sensível na Presidência da República?

Acho que sim. Senão para que é que temos um Presidente? Aquilo que o Presidente saiba de economia e finanças – e sabe – não mudou nada a situação da nossa economia e finanças.

Neste seu livro, fala a certa altura da «intervenção na História» como «uma forma de poema em acto». Uma candidatura presidencial, do seu ponto de vista, pode ser um poema, nesse sentido?

A primeira que fiz foi um bocado disso. Foi um poema porque criou um clima de festa, voluntariado, solidariedade, como já não se via há muito. Muita gente que estava afastada, veio. Muita gente fez isso sem pedir nada, sabendo que eu não tinha nada para dar e dando o que podia, desde obras de artesanato e de pintura, poemas que eles próprios editavam e distribuíam. Foi uma rede afectiva que ficou, que está hoje aí e que é aquilo que mais me responsabiliza.

E que vai estar actuante para a próxima campanha?

Já está. E foi determinante para afirmar que estava disponível.

Vê-se no papel de poeta-profeta, que refere no seu livro?

Um Presidente tem outra responsabilidade. Não é mau que um Presidente tenha esse lado. O Lula da Silva tem um bocado desse lado. Alguns políticos contemporâneos têm isso.

Mesmo quando compara os presos políticos de Cuba aos presos de delito comum de São Paulo?

Isso aí é mau. Mas quando fala como falou naquela conferência de Copenhaga, ou quando fala da sua própria vida, tem um bocado desse lado. Ou o De Gaulle quando fez o 18 de Junho. Tem esse lado xamânico. Alguns dos que marcaram a História têm-no, nalguns casos até no mau sentido, no último século, têm-no.

Na História portuguesa recente está a ver alguém que tenha encarado esse papel de algum modo?

Sim, os líderes fundadores, cada um à sua maneira: o Soares, nalgumas fases o próprio Cunhal, o Sá Carneiro. Não falo da importância da oratória mas da importância da palavra deles naqueles momentos fundadores da democracia.

O Manuel Alegre ainda muito jovem escreveu: «Meu poema rimou com a minha vida.» Era uma premonição ou um desejo?

Naquela altura era uma constatação.

Já nessa altura?

Era uma constatação porque já tinha escrito parte dos poemas da *Praça da Canção*, depois fui à guerra, depois no meio da guerra fui parar à cadeia, depois fui para a residência fixa e depois para o exílio. No fundo esse poema é um balanço. Também é uma arte poética, feita a partir dos factos e das vivências. Como a *Pra-*

ça da Canção era uma escrita de liberdade livre e eu tinha ido parar à cadeia, tinha rimado com a minha vida, não havia dúvida.

Este verso manteve-se como a legenda do seu percurso?

No essencial acho que sim. Com períodos mais altos, outros mais baixos mas sobretudo nos últimos tempos da minha vida.

O que têm de especial os últimos anos?

Houve ali um período mais sombrio, cinzento e difícil: aquele período de transição da festa para a democracia, para a normalização democrática.

Os anos 80.

Os anos 80, em que o meu próprio envolvimento na política foi menos estimulante e até mais desgastante. Depois houve um processo de distanciação, de recuperação da minha própria liberdade e de uma outra maneira de estar nisto, estando empenhado e distante ao mesmo tempo. Envolvido e crítico, essa é mais a minha maneira.

Quem são os poetas portugueses vivos com os quais tem afinidade?

É sempre muito complicado dizer isso. Houve dois poetas que já cá não estão com quem tive uma relação muito íntima: o Torga e a Sophia. Dos vivos, aquele com que tenho afinidade na maneira de entender a poesia, de compreender o processo poético, é sem dúvida nenhuma o Herberto Helder.

E se em vez de falarmos em afinidades falarmos em parentesco?

Dos poetas vivos, aquele com que tenho afinidade na maneira de entender a poesia, de compreender o processo poético, é sem dúvida nenhuma o Herberto Helder.

Bem, as nossas poesias são muito diferentes mas há um parentesco nessa maneira de entender o processo poético. A poesia como um processo mágico. É o Herberto Helder. Mas há poetas de que eu gosto: gosto do Nuno Júdice, gosto muito de *Uma Carta no Inverno* e de algumas outras coisas do Vasco Graça Moura.

Não da «Balada do Bom Cavaquista».

Não, disse não.

Também é dele.

Pois. Gosto do Gastão Cruz, embora ache que ele às vezes se castiga. Ele tem uma toada rítmica camoniana que contraria, não percebo porquê. Gosto do Tamen.

Escreveu algures que nunca fez parte de qualquer poder literário; por não ter querido ou por não o terem deixado?

Pelas circunstâncias da vida. Eu fui muito cedo para a guerra, fui muito cedo para o exílio.

Mas desde o 25 de Abril esteve sempre cá.

Estava muito envolvido na política e estava longe desses cenáculos, dessas tertúlias. Nunca tive compadrios.

O que é que entende por poder literário?

O poder literário é o poder que faz a moda e dita a corrente. Domina a LER [*riso*], o *Actual* [*do Expresso*] ou outros. Estou a brincar... É o poder que domina as revistas literárias. Ou que

dominava; agora existem poucas. Dominava a comunicação social, fazia a norma.

Por várias coisas que já lhe ouvi dizer parece-me haver em si uma espécie de mágoa em relação ao chamado «mundo literário».

Não é mágoa. Às vezes o mundo literário irrita-me porque eu sei o que são os compadrios. Não faço parte deles, embora tenha sido amigo de alguns que fazem parte desses compadrios. O Torga não fazia parte, a Sophia tão-pouco e o Herberto vive muito retirado. Com o Cesariny dava-me muito bem. Com o Pacheco tenho a honra de, nos últimos livros, ele falar bem de três ou quatro livros meus. *[Risos.]*

O que era raro.

Tenho muita honra nisso. Fala bem do *Alma*, fala bem daquele livro sobre o Alentejo. Prezo muito isso. O Pacheco é um extraordinário prosador. É uma figura ímpar. Terrível, também. Ele era mais de dizer mal. Até cultivava isso.

Chegou a dizer: «Tenho sido objecto de variadas formas de censura política e estética.»

Sem dúvida. Fui vítima de alguns compadrios, de alguns poderes literários instituídos. Talvez por ter estado fora. Talvez pelos meus livros terem tido o sucesso que tiveram. Mas isso acabou.

Esses compadrios que refere têm vindo a diluir-se ou a acentuar-se?

A vida mudou muito em Portugal. Havia os cafés, as tertúlias.

Tinham uma grande importância na formação literária de muita gente. Literária, cívica, artística. Hoje não há muitos sítios onde as pessoas se juntem. Não há muitas revistas. A revista *Relâmpago*, onde eu também colaborei, é uma boa revista. Agora o Nuno Júdice está na *Colóquio*. Enfim, há a LER, onde também fui mimoseado algumas vezes. Onde fui passado um pouco por cima. Mas acho que de qualquer maneira as coisas diluíram-se um pouco.

O poder literário é hoje menor?

A influência que tinha o intelectual, o escritor, diluiu-se bastante. Talvez volte. Se calhar as circunstâncias e a crise do mundo vão fazê-lo voltar. No tempo da ditadura e da censura a poesia era uma necessidade. Circulava como uma necessidade. Toda a gente lia poesia, talvez mesmo aqueles que não gostassem, porque a poesia passava as mensagens proibidas através da sua linguagem metafórica própria. Muitas vezes até se procurava no poema um sentido que não estava lá.

Sente alguma nostalgia desse poder?

Sinto que é diferente e tenho pena porque hoje quem tem esse poder são pessoas que eu acho que não sabem tanto do essencial como os escritores e os poetas sabem. Os novos oráculos são os oráculos da Bolsa e dos mercados. Eu prefiro outras sibilas e outros oráculos. Prefiro os oráculos da poesia ou da literatura. O Mário Cesariny ou o Herberto ou outros.



Vários podem ser eleitos Presidente da República. Não conheço mais nenhum que tenha uma cátedra na Universidade de Pádua. Tem mais significado.

Mesmo com o maldizer associado?

E com o compadrio e tudo isso.

Conhecendo a maledicência política e a literária qual delas lhe parece mais incisiva e mais tortuosa?

A literária é mais perversa.

Porquê?

Porque na política, na minha geração, apesar de tudo, houve um período de grande desinteresse, de grande solidariedade, de camaradagem e fraternidade. Mesmo quando havia divergências sobrava o resto. Ficava sempre um resto ou um rasto disso. Na literatura quando se entra na maledicência é mesmo para magoar e para matar.

Sente que foi alvo de maledicência dessa que faz moossa?

Não sei porque não estava lá. Presumo que sim mas não ouvi.

Há um caso público: a Agustina Bessa-Luís disse a seu respeito numa entrevista que o considerava «o melhor dos poetas assim-assim». Sentiu-se ofendido?

Eu não li isso, ouvi-o reproduzido. Tenho livros da Agustina em que ela me diz o contrário. Livros com dedicatórias em que ela me diz o contrário. Talvez nessa altura eu tenha cometido uma gafe qualquer em relação a ela, não faço ideia. Lembro-me de uma viagem fantástica que fiz com ela à Suécia onde partilhámos momentos inesquecíveis a falar da poesia e da literatura portuguesas.

Sente que este é um dos tais casos de maledicência a que se referia?

É, é. Também li uma vez uma carta que ela escreveu ao Torga que é uma coisa medonha. Acho que aquilo tinha um fundo político. A Agustina não é propriamente do meu campo político. Eu li uma carta dela ao Torga em que ela lhe dizia que deviam partir os vidros de casa dele à pedrada. [Risos.]

Às vezes não é só uma maldade para fazer género?

Às vezes é para fazer estilo, sim, mas nem sempre.

Não lhe sai também por vezes uma maldadezinha para fazer estilo?

Não é o meu género. Sou talvez demasiado lírico. [Risos.] Pode-me ter saído uma vez ou outra mas não gosto. É um lado português que eu não tenho muito.

Acha isto especialmente português?

É um bocado. É um país muito pequeno, um país onde se fez muito essa vida de café, onde toda a gente se conhece. É muito português. A pequena sacanice à portuguesa.

Já perdeu mais amigos na política ou na literatura?

Não me lembro de ter perdido amigos na literatura. Também não tive muitos. Perdi aqueles que morreram.

Nunca teve nenhuma desavença literária que o tenha feito perder uma amizade nesse campo?

Não. Não me lembro de nenhum caso, sinceramente.

Ao contrário do que lhe aconteceu na política.

Sim, ao contrário da política. Na política foi mais desagradável. Nomeadamente naquele caso que conhece.

A desavença com Mário Soares.

Sim. O caso com Mário Soares.

Isso quer dizer que as relações, na política, por envolverem mais directamente questões de poder, são mais a doer?

Não. Aí foi uma disputa pela Presidência da República mas também podia ter sido na literatura. Essas coisas às vezes são terríveis. Mas por as minhas relações do dia-a-dia terem sido mais com a política, isso porventura sentiu-se mais na política do que na literatura.

Há uma palavra que vem frequentemente à baila, usada por quem pretende referir-se a si em sentido depreciativo, talvez devido ao seu gosto pela caça e pelas touradas: a palavra «marialvismo».

Essas pessoas não sabem o que é o marialvismo. Eu sou um antimiguelista profundo. O marialvismo vem do D. Miguel.

Já viu esta referência a seu respeito.

Sim, já vi. Mas isso é porque as pessoas nunca leram a *Cartilha do Marialva*, do José Cardoso Pires, que é um livro excelente. Porque é que uma pessoa não há-de gostar de touros? Há muita gente profundamente antimarialva que gosta de touros e que gosta de caça. De resto, eu acho que tudo nasceu da caça. Tudo. A começar pela poesia. Tudo nasceu da caça.

Considera genericamente correcta a imagem pública que existe acerca de si ou acontece-lhe não se rever com frequência no que é dito e escrito a seu respeito?

Quando dizem que sou marialva, acho isso um erro profundo. O marialvismo é uma forma de machismo, de desprezo pela mulher, de superioridade boçal e grosseira do homem sobre a mulher. Nunca tive nada a ver com isso. É o ser contra o casamento dos homossexuais. É uma forma de miguelismo.

Acaba o seu livro com a confissão de que, tal como os seus netos quando jogam às escondidas, está ansioso por ser descoberto. Descoberto em que sentido?

No sentido de ser lido e de ser compreendido. De ser entendido aquilo que eu revelo escondendo. Não sou uma pessoa de perversidades ou que dê facadas pelas costas. Eu não sou hipócrita. Há uma hipocrisia nacional, uma mesquinhez nas relações, em Portugal, que me perturba muito.

Tanto na política como na literatura?

Em tudo. Talvez eu tenha sido vítima disso. Ou porque jogava bem à bola, ou porque nadava bem, ou porque depois fui tendo sucesso em várias coisas, ou porque tinha namoradas bonitas, etc. Talvez por isso o tenha sentido com mais intensidade.

Sente-se um alvo preferencial dessa dita mesquinhez?

Preferencial?! Bem, não tenho a mania da perseguição. Mas aconteceu. Eu não tenho isso em relação aos outros. Não tenho o sentimento de inveja.

O que é que seria mais importante para si: ser eleito Presidente da República ou ganhar o Prémio Camões?

Eu não ligo muito aos prémios. Palavra de honra. Para mim tem mais significado ter agora uma cátedra com o meu nome que vai ser inaugurada no dia 19 de Abril na Universidade de Pádua: «Cátedra Manuel Alegre sobre literatura de língua portuguesa.»

Isso para si é mais importante do que a possibilidade de vir a ser eleito Presidente da República?

Sim. Tem mais significado. Há vários que podem ser eleitos Presidente da República. Não conheço mais nenhum que tenha uma cátedra na Universidade de Pádua. ■